

7 Poetas do Século XX

por Alma Azul

Sessão de leitura de poesia dedicada a Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Florbela Espanca, Sophia de Mello Breyner, Eugénio de Andrade, Herberto Helder e Al Berto.

A sessão compõe uma apresentação dos poetas a cargo de Elsa Ligeiro e leituras de poemas na voz de alguns dos poetas escolhidos, como Eugénio de Andrade, Herberto Helder e Al Berto.

A Alma Azul é um grupo de espectáculo de promoção cultural, que foi criado pela revista de artes e ideias com o mesmo nome, dirigida por Elsa Ligeiro.

Elsa Ligeiro tem 42 anos (14-07-61) e nasceu em Alcains/Castelo Branco.

Reside em Coimbra, cidade onde fundou em 1994 a Editora A Mar Arte, cujo catálogo é composto por noventa por cento de livros de Poesia. Foi igualmente directora da Revista com o mesmo nome e uma das responsáveis do Jornal de Revistas Ibérico Falar/Hablar de Poesia.

Actualmente é editora e directora da Revista Alma Azul - revista de artes e ideias.

Tem participado em inúmeras acções de divulgação da Poesia através do Programa Conversas Com Poesia.

É responsável ainda pela organização de Livros & Escrita (TAGV, Coimbra, Novembro 1999) e Encontros de Poesia Alma Azul (Coimbra/Castelo Branco, Novembro de 2000 e Abril de 2003), por dezenas de recitais de poesia e centenas de lançamentos de livros.

Actualmente tem em agenda os espectáculos Mário de Sá-Carneiro/Um Poeta do Orpheu, Florbela Espanca/Eu não sou de ninguém e o Programa Viagens Com Escritores.



IV Concurso Nacional de Poesia Agostinho Gomes

Espectáculo de Poesia e Entrega de Prémios

8 Novembro de 2003
Junta de Freguesia de Oliveira de Azeméis
21.30 horas

TODOS OS EXEMPLARES SÃO
RUBRICADOS PELO AUTOR

Discussão

Rima ou não-rima ?
— Mera atitude ou simples fantasia...
Permeio à pose de atitudes,
Pode ou não subjazer a Poesia !

Trilha direita de arremço de asa ?
Ébria trajectória de caminhada ?
Sob o capricho dos gestos,
Atenta, vela a intenção...

Por traz do capricho ou não capricho
De quem o vive ou de quem o cria,
Impulsão de alma ou pensamento,
Pode esquivar-se a Poesia...

Conclusão ? :
— Nasça ou aconteça a Poesia,
Isenta de explicação !

PROFECIA

Quando o clamor pela justiça se esbater
 Na deriva dos ecos do silêncio, e os sonhos
 De liberdade forem agrilhoados à vertigem
 Do ter;

Quando a dor, a tristeza, a morte
 E a fome, se revelarem como destinos últimos
 Da poesia, e os regressos quedarem-se como
 Delírios, por não existir ponto de partida;

Quando
 A memória for trocada por um fotograma, a
 Imaginação tiver como matriz o bite e a alma
 Decifrada em códigos de barra;

Quando o último
 Anjo da morte tomar o poder e desaparecer
 O derradeiro espírito da estirpe que caminha
 Na senda do elemento onírico;

Nesse dia, desesperadamente, entenderemos
 Que o silêncio é o mais violento dos discursos.

Nome: Carlos Manuel Moreira Rodrigues
 Pseudónimo: Carlos Malmoro

Três objectos Três construções

I
 O cinzel repousa no intervalo dos seios em
 pedra sumptuosamente esculpidos
 Da sua extremidade cortante escorre lento o
 sangue cálido (do criador ou da coisa criada?)
 Como aferir a origem deste instante peculiar se
 a fusão antecede qualquer forma explicativa?
 Contudo os seios parecem vibrar ou flutuar no
 estremecimento de uma pulsação
 Talvez porque exista uma respiração latente
 invisível que sustenta a obra em levitação
 profunda
 Numa outra fracção de tempo já se avistam as
 mãos tão maleáveis equilibrando o cinzel
 Como distinguir se este lavra o objecto de
 criação ou o próprio corpo que o sustém?

II
 A enxada descansa junto ao corpo que se
 debruça sobre a terra e com as mãos abre um
 espaço
 Coloca dentro uma semente (divina? humana?
 natural?) e de terra cobre-a com a língua
 Quem ouvirá ao longe a sua gestação ou a
 levedação da sua seiva em fruto?
 O corpo abre a terra e nela deposita a vida mas
 a terra também se abre para lhe dar a morte
 Quem é beneficiado ou prejudicado só as
 partes o sabem porque o interesse da
 descoberta é divergente
 De regresso ao activo a enxada enterra o
 homem que agora descansa no côncavo do
 espaço

III
 O livro tumulta no obscuro cimo de uma cabeça
 iluminada
 Ou advirá o tumulto da cabeça pensando sobre
 o livro que obscuro ilumina?
 Morrerá o corpo nas suas páginas porque estas
 são horizontes incompatíveis com a sua
 brevidade?
 As ideias que nelas habitam são inimagináveis
 hinos de revolução à pura metamorfose
 Mas como deter o tempo da palavra
 submetendo-a a uma expansão não revogável
 no tempo?
 Apenas a referência ao momento em que o
 leitor-espectador e o livro se anularam
 mutuamente em ascensão Que palavra restará
 no obscuro âmago da viagem?

Nome: Ana Catarina Oliveira Marques
 Pseudónimo: Rosalinda Orion

Elixir do esquecimento

Um arco
 Uma flecha
 Um punhal
 Duas gotas de raiva
 Uma pitada de sal
 Três litros de ódio fervente
 Quatro folhas de ironia
 Para juntar à mistura
 Um ramo de coisas mortas
 Com cem gramas de amargura!

Nome: Isabel Cristina da Silva Pinto
 Pseudónimo: Bandeira Vilano

Templo IV

O céu jamais precisou de ser nocturno
 Para tornar negro o dia

Basta uma desolação maior
 Basta um prenúncio

Para que possa ouvir vozes ancestrais
 Destilando-me o sangue

As velas reacendem-se
 Na consumação lenta da vida

Que eu contemplo
 Mais do que vivo

Que eu sinto

Conspiro...

Nome: Diana Ferreira dos Santos
 Pseudónimo: Sofia Moura

